

TÍTULO

# Também os brancos sabem dançar

AUTOR

Kalaf Epalanga

CAPA



Obra literária voltada para estudantes do 1º. ao 3º. ano do ensino médio.

TEMAS

- a) Inquietações das Juventudes;
- b) Cidadania;
- c) Diálogos com a sociologia e a antropologia;
- d) Desigualdade social, preconceitos e respeito à diferença;
- e) Diálogos com História e Geografia.

GÊNERO

Romance

ANO DE PUBLICAÇÃO

2018

EDITORA

**todavia**

**Sumário**

**Os temas e os enfoques da obra**

**I Informações**

- 1 Contextualização do autor e da obra
- 2 Motivação para a leitura
  - 2.1 Aspectos temáticos
  - 2.2 Aspectos formais
- 3 Correspondência entre a obra, a categoria, o(s) tema(s) e o gênero literário
- 4 Subsídios, orientações e propostas de atividades

**II Orientações para as aulas de língua portuguesa**

- 5 Material de apoio pré-leitura
- 6 Material de apoio durante e pós-leitura

**III Orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar**

- 7 Propostas de atividades para aulas de Ciências Humanas e Sociais (principalmente História e Geografia)

**Os temas e os enfoques da obra****Inquietações das Juventudes**

Enfoque – Relações pessoais e sociais dos personagens/sujeitos líricos com foco em questões próprias do jovem, como namoro, mudanças de interesse dos jovens, os rituais de passagens, as tensões familiares, o conflito com as autoridades, problemáticas relativas à adaptação, ao pertencimento, ao amadurecimento etc.

**Cidadania**

Enfoque – Problematização de diversas formas de exercício da cidadania e como os jovens podem exercitá-las diante das necessidades político-sociais do tempo presente. O desafio do engajamento e do trabalho pela coletividade e as possíveis transformações sociais que práticas cidadãs podem gerar no cotidiano não apenas dos jovens, mas de toda população brasileira.

**Diálogos com a sociologia e a antropologia**

Enfoque – Questões que remetam a temas sociológicos e antropológicos, em linguagem e forma literárias adequadas a estudantes do ensino médio, valorizando-se o trabalho estético e imaginativo dos temas. Devem ser destacadas questões sociológicas e antropológicas do mundo contemporâneo como: os diferentes estilos de vida nas cidades brasileiras; as interações nas redes sociais; a vida das populações negras e indígenas no Brasil; o empoderamento feminino; o aumento de transtornos de ansiedade na população brasileira; as dificuldades para a mobilidade social no Brasil; os problemas em se lidar com a alteridade etc.

**Desigualdade social, preconceitos e respeito à diferença**

Enfoque – Problematização das diferenças entre realidades de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, expressas por questões que envolvem preconceitos, formas de tratamento, inserção no mercado de trabalho, desigualdade de classes sociais, precariedade dos serviços públicos e de direitos básicos e tipos de violência. A obra deve proporcionar reflexões sobre as realidades dos alunos em comparação com a de outros países, destacando pontos em comum e diferenças entre a sociedade brasileira e a de outros países, em especial outros países falantes da língua portuguesa.

**Diálogos com História e Geografia**

Enfoque – Questões que dialoguem com temas históricos ou geográficos, em linguagem e forma literárias adequadas a estudantes do ensino médio. Serão destacadas questões que, sempre a partir do ponto de vista literário da narrativa, insiram-se também de certa maneira nas disciplinas de História e Geografia, considerando temas como: o desenvolvimento, os conflitos históricos e a construção nacional de países colonizados; relações e diferenças entre países colonizadores e países colonizados; conflitos de território e fronteiras etc.

## I Informações

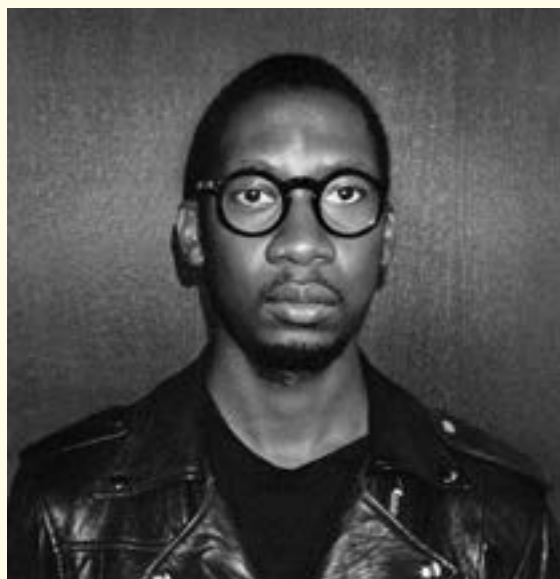
### 1 Contextualização do autor e da obra

Kalaf Epalanga nasceu em Benguela, Angola, em 1978. É membro da banda Buraka Som Sistema, foi cronista do *Público*, importante jornal diário português, e escreve para a *GQ Portugal*, revista de moda, estilo e cultura. Publicou os livros de crônicas *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* e *Estórias de amor para meninos de cor*. Atualmente vive entre Lisboa e Berlim. *Também os brancos sabem dançar* é seu primeiro romance.

Com um estilo que remete a um diário na primeira parte do livro, o narrador, músico e escritor angolano faz um relato de suas experiências a partir do momento em que chega de trem à fronteira entre Suécia e Noruega. Juntamente com sua banda – Buraka Som Sistema, nome de destaque no cenário da música eletrônica – ele pretende se apresentar em Oslo. Sem um passaporte válido para mostrar, vivendo num limbo entre as cidadanias angolana e portuguesa desde que escapou da guerra em seu país para poder tocar a vida em Lisboa, ele é detido por tentativa de imigração ilegal e conduzido à delegacia para averiguação.

Dentro dessa situação tão delicada e conflituosa, o narrador tem que provar aos policiais nórdicos que não é um criminoso nem uma grande ameaça, mas um simples artista angolano. Nessas tentativas, ele acaba transmitindo ao leitor um pouco da história de sua vida, entre Angola, Lisboa e os concertos pela Europa e sua relação com o kuduro (esse gênero musical que nasceu na parte mais pobre de Luanda e ganhou o mundo graças à mistura de ritmos genuinamente africanos com as referências globais da cena eletrônica).

Esse é o mote do romance de Kalaf Epalanga, uma viagem colorida, irônica e repleta de memórias pessoais, musicais e literárias em torno da África, da Europa e até mesmo do Brasil. Na linhagem contemporânea das obras de autoficção, o texto passeia entre observações pessoais, personagens reais (e alguns inventados) e uma miríade de situações. Narrado com leveza e graça, *Também os brancos sabem dançar* é a crônica dos muitos encontros propiciados pela música e pelas palavras.



@LOUSYAUWER

## 2 Motivação para a leitura

### 2.1 ASPECTOS TEMÁTICOS

Relação da narrativa do livro com a música e o cruzamento de diferentes estilos musicais.

Para mim a viagem [...] era o som, a música que fazíamos, a combinação de grime, dubstep e kuduro. Algo que nunca consegui colocar muito bem em palavras e que, quando saído das colunas de um clube, me punha nas alturas (p. 53).

Questões referentes à construção da identidade (no caso, dentro da cultura africana e europeia), que são bastante recorrentes na juventude, quando a identidade está especialmente em formação.

A minha identidade pessoal ganhou forma dentro destas fronteiras, sou músico, aspirante a escritor e depois, claro, também emigrante. E divirto-me quando me dizem ‘tu já não és angolano’, o que é, no meu entender, uma forma de dizer ‘tu já não és negro’. Como se o saber articular ideias que são correntes neste espaço me dispa automaticamente do fator que me identifica como sendo negro e me despromova da condição de emigrante (p. 63).

Utilização da música como expressão de uma realidade social, muitas vezes com a função de denunciar situações de injustiça e preconceitos. Uma relação possível com alguns gêneros musicais brasileiros, como o rap e o funk.

Quando o cano das armas se cala, o kuduro também fala porque a voz tem mais poder que a bala (epígrafe da parte I, p.II).

Contato com a cultura e a música negras, fazendo com que o aluno conheça mais sobre as influências delas na construção da identidade brasileira.

Descobri-me através da música, foi com ela que a cor da minha pele passou a ser fator preponderante para a minha autoafirmação. Antes desta consciencialização, o termo ‘música negra’ não existia sequer no meu léxico. Foi preciso fixar-me em Lisboa para iniciar a viagem por aquilo que julgava saber sobre mim e por aquilo que o outro pensava saber sobre mim. Identidade passou a ser sinônimo de sobrevivência, e a kizomba e o kuduro a sua banda sonora secreta (p. 32).

Contato com gírias, expressões e termos utilizados por falantes da língua portuguesa de países diferentes do Brasil, aumentando o repertório do aluno.

[...] número considerável de betinhos [“mauricinhos”] da Linha convivendo de forma harmoniosa com turistas e jovens suburbanos (pp. 50-1).

**2.2 ASPECTOS FORMAIS**

Alternância de vozes narrativas, que cria uma dinâmica e uma variedade de pontos de vista a respeito de um mesmo tema.

O nosso trabalho ao entrevistar alguém é o de obter informação que possa ser verificada, procurando, recolhendo e garantindo pistas que possam estabelecer a probabilidade da culpa ou da inocência do detido. Kalaf Epalanga Alfredo Ângelo era o nome do sujeito que recolhemos do autocarro, cidadão angolano, com passaporte caducado e um cartão de residência válido, emitido pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal. Comunicava em inglês claro e dizia ser músico a caminho do festival OYA, em Oslo. Perdeu o passaporte, por isso viajava sozinho, mas não foi essa a primeira versão que nos apresentou. Quando o abordei, mostrando-lhe primeiro o meu crachá, e, pedindo-lhe depois os documentos, ele, muito seguro, entregou-me o cartão de residência. Quando lhe pedi o passaporte, ele respondeu, também na ponta da língua, que o tinha dentro da mala, no porão do autocarro (p. 226).

Escrita fluida com tom de diário, além da narração em primeira pessoa, o que aproxima o aluno da realidade do autor.

7h26 Devo me ter distraído com os versos do Bruno M, pois nem me dei conta de que o autocarro abrandou a marcha e estacionou na berma da estrada, no meio de um verde exuberante. Não me apercebi da travessia do canal de Svinesund, que separa a Suécia da Noruega, através da nova ponte erguida sobre o Iddefjord e batizada com o mesmo nome da velha ponte vizinha: Svinesund (p. 11).

Questões referentes à construção da identidade (no caso, dentro da cultura africana e europeia), que são bastante recorrentes na juventude, quando a identidade está especialmente em formação.

A minha identidade pessoal ganhou forma dentro destas fronteiras, sou músico, aspirante a escritor e depois, claro, também emigrante. E divirto-me quando me dizem ‘tu já não és angolano’, o que é, no meu entender, uma forma de dizer ‘tu já não és negro’. Como se o saber articular ideias que são correntes neste espaço me dispa automaticamente do fator que me identifica como sendo negro e me despromova da condição de emigrante (p. 63).

### 3 Correspondência entre a obra, a categoria, o(s) tema(s) e o gênero literário

O romance *Também os brancos sabem dançar*, do autor e músico angolano Kalaf Epalanga, apresenta aos alunos temas relacionados a desigualdades entre os países desenvolvidos europeus e os subdesenvolvidos ex-colônias, como – no caso desse livro – a relação entre Portugal e Angola. Ao longo da narrativa, o autor faz um relato de sua experiência, contando um fato que realmente aconteceu com ele. A narração em primeira pessoa e o tom pessoal do texto aproximam o aluno da obra. Além disso, nas partes II e III do livro, alternam-se as vozes narrativas e o aluno pode acompanhar diferentes perspectivas e realidades, sempre em primeira pessoa, com personagens que se aproximam e se distanciam e que têm em comum a paixão pela música. A partir dessas diferentes vozes, o livro compõe um romance dinâmico, de leitura fluida e aproximativa.

Se levarmos em conta a fase da vida pela qual estão passando os jovens do ensino médio, de questionamento e formação de suas próprias identidades, desconstrução de pensamentos infantis e amadurecimento para tomar decisões sobre o futuro, a obra pode ser de muita relevância, uma vez que aborda questões de construção da identidade e de recusa de uma cultura importada pelos países mais ricos, aumentando o repertório dos jovens sobre culturas menos difundidas. A relação com a música faz uma ponte muito interessante nesse sentido, pois o autor apresenta um gênero musical que nasceu na Angola e teve influência da música eletrônica europeia. A partir desse cenário, os alunos podem entender de que forma a colonização deixou marcas na identidade do povo angolano e questionar também sobre a história da colonização brasileira.

Tanto na Europa quanto no Brasil, e também em países da África, ainda hoje enfrentamos questões sérias de preconceito e intolerância, sobretudo com a população negra. Trabalhar essa obra dentro da sala de aula é, portanto, uma ótima oportunidade de tratar desses temas polêmicos e muitas vezes ignorados. O professor pode levar as discussões para um caminho muito produtivo, desconstruindo preconceitos enraizados e valorizando a cultura negra dentro da cultura brasileira, mostrando a diversidade positiva e a riqueza que o povo africano trouxe para a construção do nosso país. De acordo com a primeira competência geral da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio, é função da escola ensinar o aluno a “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. A obra de Epalanga traz muitos elementos que podem ser utilizados pelo professor para desenvolver essa competência, utilizando a literatura como ferramenta para transformação da sociedade.

#### 4 Subsídios, orientações e propostas de atividades

→ Exibição de clipes musicais cujo enfoque esteja no cruzamento de diferentes gêneros e estilos, sobretudo aqueles regionais, e cuja temática gire em torno das questões de imigração. Como exemplo, o clipe *Borders*, da artista inglesa de origem tâmil (Sri Lanka) M.I.A., disponível na internet.

→ Exibição de clipes musicais e escuta de músicas da banda Buraka Som Sistema, da qual o autor do livro, Kalaf Epalanga, é um dos integrantes. Alguns exemplos: Kalembe, Vuvuzela (Carnaval) ou Tira o Pé, disponíveis na internet.

→ Leitura de livros de outros autores angolanos cujas temáticas se relacionem com as tratadas por Epalanga. Por exemplo, o escritor conhecido como Pepetela, que é até citado no livro *Também os brancos sabem dançar*, e que é autor de livros que tematizam a história de Angola. Um de seus principais livros, *Mayombe*, trata da guerra de libertação de Angola, na década de 1970.

→ Exibição de documentários que tematizem a colonização dos países africanos e a história dos conflitos sociais e da libertação e independência desses países.

→ Proposta de pesquisas e trabalhos sobre a cultura e a história de países africanos, para que o aluno se familiarize com as realidades e as diferenças entre os países do continente.

→ Escuta da música “Carta do servente”, de Dog Murras, que é citada na p. 98 do livro, disponível na internet.

→ Escuta da música “2000 Blacks Got to Be Free” - Fela Kuti & Roy Ayres, que é citada na pg. 107 do livro, disponível na internet.

→ Escuta da música “Fado Tropical”, de Chico Buarque, que é citada na p. 123 do livro, disponível na internet.

→ Debates sobre a condição do imigrante e do refugiado, considerando a possibilidade de trazer para a sala de aula algum refugiado ou imigrante que vive no Brasil, de preferência originário de algum país africano, para relatar suas experiências em seu país, contar aos estudantes o motivo pelo qual vive hoje no Brasil e as dificuldades e questões cotidianas de viver na condição de estrangeiro.



## II Orientações para as aulas de língua portuguesa

### 5 Material de apoio pré-leitura

#### OBJETIVOS

(competências que esperamos que os alunos desenvolvam, de acordo com a BNCC).

Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf)>.

#### OBJETOS DE CONHECIMENTO

#### MATERIAIS NECESSÁRIOS

#### LOCAL APROPRIADO

#### DURAÇÃO

### Sequência Didática I – A África não é um país

Muitos são os estereótipos quando falamos sobre o continente africano. A começar pela ideia de que em todo o continente habita apenas um povo, com realidades, paisagens geográficas, língua e cultura iguais. Para preparar os alunos para a leitura de um relato escrito pelo autor angolano Kalaf Epalanga, essa sequência didática se propõe a desconstruir esses preconceitos e aumentar o repertório dos alunos sobre as questões desse continente, tão grande e complexo. Além disso, a sequência didática também vai abordar a condição do africano migrante na Europa, assim como o autor da história.

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BNCC, p. 9).

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (BNCC, p. 558).

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder (BNCC, p. 558).

Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos (BNCC, p. 558).

(CONTEÚDOS QUE SERÃO TRABALHADOS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA [SD])

Geografia física e política dos países africanos; colonização dos países africanos; línguas faladas pela população africana.

Caderno, lápis ou caneta, projetor e lousa.

Sala de aula ou biblioteca.

3 aulas.

---

**AULA 1**

Reúna os alunos em roda e proponha uma discussão, na qual cada um diga a imagem que vem na cabeça quando falamos sobre África.

Organize as informações trazidas pelos alunos em um cartaz e o deixe exposto em uma parede da sala (você vai utilizar esse cartaz ao final da sequência didática para comparar com o que eles aprenderam).

Pendure na lousa um mapa de papel ou projete um mapa que mostre de forma grande o continente africano, mas sem os nomes dos países. Peça para que os alunos digam os nomes dos países que conhecem, onde ficam e qual língua falam e vá adicionando essas informações no mapa.

São grandes as chances de eles terem poucas informações específicas sobre cada país. Proponha uma discussão nesse sentido, perguntando se eles sabem por que não conhecemos muito sobre os países africanos.

Organize os alunos em duplas para escolher um país para pesquisar e depois apresentar para a sala. Peça que eles façam um cartaz ou PowerPoint contendo informações básicas variadas sobre o país escolhido (nome, história, língua falada, população, área, paisagens, clima, produto interno bruto [PIB] e índice de desenvolvimento humano [IDH]).

---

**AULA 2**

A partir das apresentações feitas pelos alunos, destaque quais são os países falantes da língua portuguesa.

Explique brevemente o que foi a colonização portuguesa.

Pergunte aos alunos se eles imaginam que a língua portuguesa é falada do mesmo jeito em todos esses países, ou se existem variações linguísticas, como sotaque, gírias, palavras ou expressões diferentes.

Mostre aos alunos a entrevista com Epalanga, disponível em:

<[www.youtube.com/watch?v=1AFuTZCocTM](http://www.youtube.com/watch?v=1AFuTZCocTM)>.

**PROPONHA  
AS SEGUINTE  
PERGUNTAS**

1 Você teve dificuldade de entender Epalanga falando em algum momento durante o vídeo?

2 Qual é a relação do autor com o Brasil? Quais são as referências que cita no vídeo?

3 Por que você acha que a música tem um papel tão importante em países como Brasil e Angola?

4 Imagine que você é um poeta/rapper e escreva uma letra de música para denunciar alguma realidade do seu cotidiano. Se quiser, pense também em uma interpretação com uma batida para te acompanhar. Mostre aos colegas o que você produziu.

---

**AULA 3**

Chico Buarque, compositor e escritor brasileiro, que é citado no livro de Epalanga, escreveu uma música sobre o processo de independência de Angola, que foi muito difícil e um período violento. É justamente para fugir desse período que o nosso autor do livro, Kalaf Epalanga, vai para a Europa. Ouça com os alunos a música “Morena de Angola”, de Chico Buarque.

Epalanga é, no livro, um angolano que vai para a Europa em busca de uma vida melhor, para fugir dos conflitos de seu país. Converse com os alunos sobre essa condição de estrangeiro.

Leia com os alunos o poema “Somos estrangeiros onde quer que estejamos”, de Ricardo Reis (heterônimo do poeta português Fernando Pessoa).

**PROPONHA  
AS SEGUINTE  
ATIVIDADES**

1. Pesquise em um dicionário o antônimo da palavra “estrangeiro”. Anote o que você descobriu.

2. Quais relações podemos fazer entre o verso do poema “Somos estrangeiros onde quer que estejamos” com a condição dos africanos que vão morar na Europa em busca de uma vida com mais oportunidades?

3. E você, se sente estrangeiro em alguma situação do seu cotidiano? Existem lugares que você frequenta, mas sente que não faz parte?

4. Escreva um texto reflexivo breve tentando responder à seguinte pergunta: “O que é pertencer?” Mostre aos seus colegas o que você escreveu.

**AVALIAÇÃO DA SD**

Para avaliar os alunos de uma forma que faça sentido para eles, proponha uma autoavaliação. Se quiser, utilize como base a tabela a seguir.

AVALIAÇÃO SD 1	Realizei com autonomia	Precisei de ajuda para realizar	Não realizei	Observações do Professor
Participei das discussões propostas, expondo minha opinião e respeitando a vez de fala do outro?				
Eu me envolvi na proposta de pesquisa de um país africano, na confecção do cartaz e na apresentação?				
Eu me envolvi na proposta de escrita de uma letra de música?				
Eu me envolvi na proposta de escrita de um texto reflexivo sobre o tema “pertencimento”?				

## 6 Material de apoio durante e pós-leitura

### Sequência Didática 2

#### Leitura do livro *Também os brancos sabem dançar*

A ideia dessa sequência didática é acompanhar e orientar a leitura feita pelos alunos do livro de Kalaf Epalanga, de acordo com as três partes nas quais ele se divide. Na primeira parte, o personagem-narrador conta como foi detido na fronteira da Noruega por estar sem os documentos solicitados, alternando essa narrativa com lembranças da sua vida em Lisboa e também em Luanda, contextualizando a sua formação e relatando um pouco dos seus primeiros contatos com o gênero musical kuduro. A partir desses relatos, o estudante entrará em contato com um pouco da história de Angola e conhecerá melhor a condição dos imigrantes africanos na Europa. Na segunda parte, uma outra voz assume a narração: uma mulher portuguesa professora de kizomba que se envolve com um brasileiro de origem baiana que vai visitar Lisboa. Essa mulher, como saberemos ao longo da leitura, é casada com Kalaf Epalanga no papel, e foi assim que ele conseguiu a nacionalidade portuguesa. Na terceira parte do livro, quem narra é um policial norueguês – aquele que deteve Kalaf Epalanga na fronteira. Além de contar a partir de sua perspectiva o mesmo fato que vimos na primeira parte do livro, podemos conhecer um pouco da realidade da Noruega e da forma como a questão da imigração ilegal e dos refugiados afeta aquele país. Os três personagens que narram o livro têm em comum a paixão pela música e o interesse pelo cruzamento de diferentes realidades mundiais na arte e na cultura.

#### OBJETIVOS

(competências que esperamos que os alunos desenvolvam, de acordo com a BNCC)

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BNCC, p. 9).

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BNCC, p. 481).

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BNCC, p. 482).

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades (BNCC, p. 563).

**OBJETOS DE CONHECIMENTO**

Variações da língua portuguesa em diferentes países do mundo; o gênero literário do diário como forma de narrar experiências pessoais; interdisciplinaridade, a literatura como suporte de cruzamento de outras linguagens.

**MATERIAIS NECESSÁRIOS**

Caderno, lápis ou caneta, projetor e lousa.

**LOCAL APROPRIADO**

Sala de aula ou biblioteca.

**DURAÇÃO**

4 aulas.

**AULA 1**

Reúna os alunos em roda e faça a seguinte questão: “quais as primeiras impressões que vocês tiveram ao iniciar a leitura do livro?”. A partir das respostas que obtiver, proponha uma breve discussão a respeito do contato inicial com o livro, considerando as dificuldades e aquilo que mais chamou a atenção dos alunos.

Pergunte aos alunos se eles notaram diferenças na língua portuguesa utilizada no livro de Kalaf Epalanga e na língua que falamos no Brasil. Se sim, quais foram elas? Peça para que os alunos listem palavras que não entenderam ou que estranharam durante a leitura.

Escreva na lousa algumas das palavras listadas pelos alunos. Acrescente outras palavras e expressões que são utilizadas no livro – expressões como “muita areia para o meu cangulo” (p. 31), “miúda espalha-brasas” (p. 42); gírias angolanas como “kotas” (que significa “pessoa mais velha, ‘coroa’”, p. 49), “funge” (que significa uma espécie de pirão de milho ou mandioca, p. 19), “esquadra” (que significa “delegacia”, p. 25), “betinhos” (que significa “mauricinho”, p. 50) e palavras portuguesas escritas em grafia diferente, como “connosco”, “facto” ou “oiço”.

Discuta com os alunos sobre os motivos que levam às variações da língua portuguesa em diferentes lugares do mundo. Faça perguntas como: “por que o português falado no Brasil é tão diferente do de Portugal, se a língua que falamos é originária de lá? E nos países africanos, como Angola ou Moçambique, que também foram colonizados por Portugal, por que o português é diferente do falado no Brasil? Até que ponto uma língua que vem de um país colonizador sofre mudanças e influências da cultura local?”.

Peça aos alunos para listarem palavras que falamos no dia a dia e que eles imaginam ter origens africanas ou indígenas, como “capoeira” ou “tamanduá”.

Proponha aos alunos que confeccionem um pequeno caderno, que será o seu glossário e o seu diário de bordo durante a leitura do livro. Ali, eles irão anotar todas as palavras e expressões que não conhecem e pesquisar os seus respectivos significados, além de escrever, em primeira pessoa, as impressões que tiveram durante a leitura.

## AULA 2

Reúna os alunos em roda e peça para que alguns deles compartilhem as primeiras notas que fizeram com as suas impressões de leitura. Proponha a seguinte discussão: a que gênero pertencem essas notas que eles escreveram? Quando um texto é escrito de forma intimista, em primeira pessoa, de qual gênero ele mais se aproxima? Lembre os alunos de que esse caderno que eles confeccionaram se chama “diário de bordo”, para que, a partir daí, possa ser introduzida a discussão a respeito do diário.

Depois dessas discussões, pergunte aos alunos se eles consideram que o livro de Kalaf Epalanga também tem aproximações com um diário. Quais as características que o livro tem que se aproximam das notas que os próprios alunos escreveram? Escreva na lousa as características em comum, como: a primeira pessoa como voz narrativa; o relato de experiências e reflexões pessoais; a linguagem coloquial, que aproxima a voz narrativa de uma conversa, como se o narrador estivesse ao lado do leitor, contando uma história para ele.

O teórico Mikhail Bakhtin diz que é através de um gênero de discurso que “o sujeito de apropria da linguagem e a constitui”. No caso do diário pessoal, como o discurso se aproxima mais das atividades diárias dos indivíduos, o gênero se torna mais flexível, e permite mais intervenções individuais (ver BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997). Traga essa referência para os alunos, propondo a discussão sobre a maleabilidade da linguagem permitida pela primeira pessoa.

Proponha comparações entre a escrita mais formal, como no caso da dissertativa em textos ensaísticos, e a escrita informal, com um discurso mais próximo do cotidiano, que encontramos no livro de Epalanga.

PROPONHA  
AS SEGUINTE  
PERGUNTAS PARA  
SEREM RESPONDIDAS  
INDIVIDUALMENTE E  
POR ESCRITO

1. O que é um diário?
2. Quais as características encontradas no livro *Também os brancos sabem dançar* que fazem com que ele se aproxime de um diário pessoal?
3. Você se sentiu, de alguma forma, próximo do narrador do livro, a partir da leitura? Por quê?

4. Se você se encontrasse com Kalaf Epalanga, o que perguntaria para ele?

**AULA 3**

Leia para os alunos o seguinte trecho do livro, no início da p. 49:

“O que me faz sair da cama e correr mundo, atravessar fronteiras, mesmo sem documentos válidos, correndo o risco de me cruzar com um polícia viking e acabar numa cadeia norueguesa é a necessidade de conhecer o outro. É o único exercício que sei praticar para materializar em palavras, poucas de preferência, aquilo que sei sobre mim.”

Proponha uma discussão a partir desse trecho destacado. Pergunte aos alunos o que, para eles, significa essa *necessidade de conhecer o outro* de que fala o autor do livro. Pergunte se eles também sentem algo parecido com isso, e peça para que descrevam o que entendem por essa necessidade.

Peça aos alunos que se reúnam em duplas ou trios e que discutam entre si, fazendo relações entre o contato com diferentes realidades sociais e nacionais que o livro está trazendo, a descoberta de um gênero musical, e a “necessidade de conhecer o outro” que foi citada pelo autor.

A partir das conversas nos pequenos grupos, proponha aos alunos as seguintes questões, para serem respondidas individualmente e por escrito:

1. Para você, o que significa conhecer o outro?
2. A literatura pode ser uma forma de conhecer outras pessoas, outras realidades? Como?
3. Como você interpreta as palavras do autor quando ele diz que “[a necessidade de conhecer o outro] é o único exercício que sei praticar para colocar em palavras aquilo que sei sobre mim”? Por que será que ele diz que sabe a respeito dele apenas quando vai conhecer o outro?

Ao final da aula, mostre para os alunos o clipe da banda de Kalaf Epalanga, Buraka Som Sistema, chamado “Sound of Kuduro”.



## AULA 4

Leia para os alunos o seguinte trecho do livro, presente na p. 63:

“‘Eu sei que a minha liberdade vos atrapalha’, gritei. E ainda que ninguém me tenha ouvido, soube-me bem desfazer o nó que tinha na garganta. Se invertêssemos os papéis, ou o hemisfério, eu teria o título da moda, ainda que equivocado, seria chamado de ‘expatriado’, e não com o pejorativo e gasto ‘refugiado’, ou então ‘cooperante’, para recuperarmos um termo com que identificávamos os estrangeiros que vinham ajudar a reconstruir os países de terceiro mundo. Eu também estou aqui na qualidade de cooperante, vim para ajudar a reconstruir e redefinir a identidade cultural europeia.”

Agora, leia outro trecho, que está no meio da p. 264 do livro. Antes de lê-lo, lembre aos alunos que, na terceira parte do livro, quem narra é o policial norueguês que deteve Kalaf Epalanga na fronteira, e que neste trecho ele está falando a respeito do seu avô:

Foi ele que sempre disse, por exemplo, que se não quiséssemos imigrantes, então teríamos que deixar de os fazer. ‘Se não os queremos, então não lhes vendamos armas, então não deixemos que as suas crianças asiáticas nos cosam as roupas, que os seus polacos nos apanhem os morangos e nem que as suas mulheres tailandesas limpem a merda que fazemos.’ Nunca o vi defender nenhum partido ou político, dizia sempre que os policiais estão aqui para servir as pessoas. ‘Entre mim e um funcionário que recolhe o lixo das nossas ruas, não existe diferença, ambos queremos a mesma coisa: viver de forma civilizada em comunidade.’

Depois de ler esses dois trechos, proponha aos alunos que comparem as duas perspectivas. Faça a eles perguntas como: “O que elas têm em comum? Qual é a diferença de um imigrante africano perceber essas coisas e elas serem ditas por um norueguês?”

Pergunte aos alunos como eles encaram a questão dos imigrantes e dos refugiados, considerando a leitura que fizeram do livro. Proponha uma discussão que compare a realidade do imigrante na Europa, como eles viram através dos relatos do livro de Epalanga, e a realidade do imigrante no Brasil. Aproveite para perguntar se eles conhecem algum imigrante ou refugiado.

Peça para que os alunos respondam, em duplas, as seguintes questões:

1. Qual é a nacionalidade dos seus pais? E dos seus avós?
2. Algum ou alguns deles vieram de outro país? Ou de outro estado?

3. Se sim, como vocês acham que foi, para eles, chegar a um lugar novo? Vocês acham que eles sofreram algum tipo de preconceito?

4. Para vocês, por que motivo as pessoas discriminam aqueles que vêm de lugares diferentes? O que poderia ser feito para que houvesse mais respeito e tolerância entre pessoas de diferentes origens?

Ao final da aula, recolha os diários de bordo dos alunos, nos quais eles anotaram as impressões de leitura do livro. Como avaliação, proponha que eles transformem essas impressões em um texto reflexivo que resuma o livro e faça uma crítica dele, relacionando com as reflexões que foram feitas em aula.

#### AVALIAÇÃO DA SD 2

Para avaliar os alunos de uma forma que faça sentido para eles, proponha uma autoavaliação. Se quiser, utilize como base a tabela a seguir.

AVALIAÇÃO SD 2	Realizei com autonomia	Precisei de ajuda para realizar	Não realizei	Observações do Professor
Participei das discussões propostas, expondo minha opinião e respeitando a vez de fala do outro?				
Li o livro <i>Também os brancos sabem dançar</i> , de Kalaf Epalanga, e anotei as minhas impressões, assim como as palavras que eu não conhecia, no diário de bordo?				
Respondi às questões propostas, desenvolvendo reflexões a partir delas?				
Eu me envolvi na proposta de escrita de um texto reflexivo sobre o livro, a partir das notas feitas no diário de bordo?				

### III Orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar

#### 7 Propostas de atividades para aulas de Ciências Humanas e Sociais (principalmente História e Geografia)

**GEOGRAFIA** Para trabalhar o tema “Fronteiras”, mostre aos alunos o clipe da música “Borders”, da M.I.A, artista inglesa de origem tâmil (Sri Lanka). M.I.A é citada no livro de Epalanga e foi sua parceira em músicas de sua banda Buraka Som Sistema. O clipe retrata de uma forma bem impactante a questão dos refugiados. Uma sugestão é partir da análise de algumas cenas do clipe para trazer à tona a questão das fronteiras entre países em conflitos.

Leia para os alunos o seguinte trecho do livro *Também os brancos sabem dançar*, de Kalaf Epalanga, presente na p. 33:

“Se a Europa me ensinou alguma coisa foi a de que não existe nada mais assustador do que um africano a atravessar-lhe as fronteiras. ‘Escondam o vosso dinheiro, escondam as vossas filhas, os pretos estão a invadir-nos o quintal.’ Oiço-lhe os pensamentos quando nos veem a aproximar do guichê e lhes entregarmos o nosso pasaporte do terceiro mundo.”

A partir deste trecho, proponha uma discussão sobre a questão das fronteiras e sobre as diferenças de tratamentos entre pessoas provenientes de países subdesenvolvidos e países desenvolvidos. Exponha aos alunos os conceitos e índices que definem essas duas categorias, e levante questões a respeito dos motivos pelos quais o autor diz ser tão assustador para a Europa “um africano a atravessar-lhe as fronteiras”.

**HISTÓRIA** Para trabalhar o tema “Colonização Portuguesa”, ouça com os alunos a música “Fado Tropical”, de Chico Buarque. Nessa canção, Chico Buarque, citado também no livro de Epalanga, retrata o espírito português na época da expansão marítima e a vontade de que a pátria portuguesa se estendesse também para as colônias. Destaque alguns trechos da música como “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal/ Ainda vai tornar-se um imenso Portugal” para trazer à tona a questão da colonização.

Na p. 101 do livro *Também os brancos sabem dançar*, de Kalaf Epalanga, a epígrafe, trecho da música “2000 Blacks Got to Be Free” de Fela Kuti & Roy Ayers, é a frase em inglês “*Think about your future but don't forget your past*”. Traduza para os alunos essa frase (“Pense sobre seu futuro mas não esqueça seu passado”) e proponha uma reflexão relacionando as temáticas do livro com essa proposição. Aproveite para, a partir da discussão sobre futuro e passado, comparar as realidades resultantes da história do Brasil com aquelas vistas no livro sobre a história de Angola, pensando na presença dos africanos dentro e fora de seus países de origem.

---

Este *Manual do professor digital* foi elaborado por Leda Cartum.

**todavia**

Rua Luis Anhaia, 44  
05433.020 São Paulo SP  
T. 55 II. 3094 0500  
[www.todavialivros.com.br](http://www.todavialivros.com.br)

---